



// “A SPN, tal como é conhecida hoje, foi construída durante o nosso mandato”

O Dr. José Vinhas foi presidente da Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) durante dois mandatos consecutivos (2003-2009), período no qual, entre outros feitos, a direção que liderou contribuiu para a regulamentação e a dinamização do Encontro Renal e da revista científica da SPN. Em entrevista, o também ex-diretor do Serviço de Nefrologia (1999-2021) da atual Unidade Local de Saúde da Arrábida/Hospital de São Bernardo, em Setúbal, aposentado do Serviço Nacional de Saúde (SNS) desde março de 2023, revisita alguns dos momentos altos da sua carreira.

Marta Carreiro

// Quando percebeu que queria um futuro ligado à Medicina?

No sexto ano de liceu, tive uma cadeira de Psicologia de que gostei muito, o que me fez pensar em seguir Psiquiatria. Foi por isso que escolhi Medicina, tendo ingressado na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa em 1970. Contudo, já durante o curso, percebi que a Psiquiatria seria a última especialidade que iria escolher – desencantei-me, simplesmente, com a área. No entanto, nunca me arrependi nem ponderei seguir outro caminho que não o da Medicina. A par disso, surgiu o interesse pela Nefrologia.

// Qual foi o seu percurso até entrar no internato de Nefrologia?

Quando terminei o curso de Medicina, em 1977, completei dois anos de internato médico no Hospital de Egas Moniz, seguidos de seis meses de Saúde Pública no Redondo, distrito de Évora, onde também prestei Serviço Médico à Periferia. Nessa altura, praticamente não existiam médicos nas zonas periféricas, e os poucos que havia não eram muito diferenciados. Esta foi também uma boa base de formação para nós, médicos jovens e cheios de entusiasmo, que tínhamos de ser autónomos numa série de tarefas, o que nos permitiu adquirir conhecimentos, nomeadamente de Medicina Interna, que a maior parte dos médicos, hoje em dia, não tem.

Em 1983, entrei no internato de Nefrologia, no Hospital de Santa Cruz, em Lisboa. Foi durante esse período que privei com o meu mestre, o Prof. Jacinto Simões, figura nacional incontornável, não só na Nefrologia, mas também na Medicina em geral. Terminei o internato da especialidade em 1987 e fiquei a aguardar por vaga no Hospital de Santa Cruz, até 1991. Nesse ano, ao surgir a oportunidade de concorrer para o Hospital de São Bernardo, não hesitei: concorri e mudei-me para a cidade a sul do Tejo.

// Entre 1987 e 1991, manteve-se no Hospital de Santa Cruz?

Sim. Naquela altura, era muito frequente as enfermarias dos vários hospitais estarem repletas de especialistas que tinham acabado a sua formação, mas que ainda não tinham sido colocados. Não se levantava a questão de ficarmos desvinculados, como acontece nos dias de hoje.

// O que o motivou a concorrer para o Hospital de São Bernardo ao invés de continuar a aguardar por vaga no Hospital de Santa Cruz? Tinha interesse em ir para um hospital periférico?

Deveu-se apenas à existência de vaga e à possibilidade de a poder ocupar. Já sabia que ia ser difícil ficar no Hospital de Santa Cruz, porque havia uma série de outros médicos mais velhos do que eu que também aguardavam um lugar.

// Foi no Hospital de São Bernardo que fez toda a sua carreira no SNS. Que funções desempenhou ao longo dos anos?

Ocupei praticamente todos os cargos da carreira médica. Em 1994, três anos depois de entrar como especialista no hospital, tornei-me consultor de



Saiba mais sobre o percurso de vida e a carreira do Dr. José Vinhas, através dos excertos em vídeo da entrevista

“ Nos últimos anos, saí um pouco da área da Nefrologia. Aquilo que mais me tem interessado é a avaliação de medicamentos, e, nesse sentido, tenho colaborado com o Infarmed desde 2016, ano em que fui nomeado presidente da Comissão de Avaliação de Tecnologias de Saúde “

Nefrologia. Mais tarde, em 1998, progredi para assistente graduado sénior, na sequência de ter concorrido a uma vaga para chefe de serviço. Em 1999, fui nomeado diretor do Serviço de Nefrologia, cargo que desempenhei até 2021. Concomitantemente, em 2007, tornei-me diretor do Departamento de Medicina e, no ano seguinte, fui designado presidente da Comissão de Ética para a Saúde, funções que desempenhei até à data da minha aposentação do SNS, em 2023.

// Durante o período que esteve no Hospital de São Bernardo, quais foram as principais evoluções que vivenciou?

Quando cheguei ao hospital, em 1991, existiam apenas três especialidades médicas: Medicina Interna, Cardiologia e Gastreenterologia. Havia alguns especialistas de outras áreas que estavam integrados no Serviço de Medicina. Entre a última década de 1990 e a primeira de 2000, o hospital recebeu um número elevadíssimo de profissionais de várias áreas, o que, consequentemente, contribuiu para uma maior diferenciação e para a formação de mais serviços, cobrindo, atualmente, quase todas as especialidades.

Infelizmente, nos últimos anos, tem-se assistido à saída de muitos médicos, uns para outros hospitais públicos, mas a maioria para instituições privadas. No entanto, penso que este seja um problema geral do SNS que, esperemos, não esteja para durar.

// Dos 22 anos em que foi diretor do Serviço de Nefrologia, há algum momento que gostaria de evidenciar?

Acho que os feitos são coletivos. O Serviço de Nefrologia do Hospital de São Bernardo conseguiu crescer e, durante muitos anos, teve um grande poder de atração, o que lhe permitiu adquirir um grau de diferenciação importante.

// Na sua carreira, qual foi a área, dentro da Nefrologia, que mais interesse lhe despertou?

Provavelmente, a doença renal crónica e a sua prevalência. Nesse âmbito, tive oportunidade de participar nos dois principais estudos sobre esta temática em Portugal: o PREVADIAB e o RENA. Outro aspeto que sempre me despertou curiosidade é o facto de, no nosso país, existir uma incidência e uma prevalência muito elevadas – das mais altas do mundo – de insuficiência renal crónica terminal.

// REINVENÇÃO DA REVISTA CIENTÍFICA DA SPN

Criada em 1986, a *Revista Portuguesa de Nefrologia e Hipertensão* foi antecessora da atual revista científica da SPN, a *Portuguese Kidney Journal*. Quando foi criada, a publicação era independente da SPN, tendo como diretor o Dr. Fernando Carrera. Foi no mandato do Dr. João Paulo Amorim (1991-1994) que surgiram as “primeiras conversas” para que a revista integrasse a SPN, contudo, apenas na presidência do Dr. José Vinhas esse feito se viria a oficializar. “A direção da SPN passou a nomear o *editor in chief*, a pagar a revista e a receber os proveitos da publicidade nela inserida”, explica o ex-presidente da SPN, recordando que foi também durante o seu mandato que a publicação alterou o seu nome para *Portuguese Journal of Nephrology and Hypertension*, passando a ser editada em inglês. “Tal permitiu a publicação de autores estrangeiros e o aumento das citações dos nossos artigos, cujo número duplicou.” Entre 2016 e 2022, período em que José Vinhas desempenhou as funções de *editor in chief*, o então *Portuguese Journal of Nephrology and Hypertension* foi indexado no *Directory of Open Access Journals*.



// A que se tem dedicado desde que deixou a direção do Serviço de Nefrologia do Hospital de São Bernardo?

Nos últimos anos, saí um pouco da área da Nefrologia. Aquilo que mais me tem interessado é a avaliação de medicamentos, e, nesse sentido, tenho colaborado com o Infarmed desde 2016, ano em que fui nomeado presidente da Comissão de Avaliação de Tecnologias de Saúde [CATS]. Esta é uma comissão especializada, à qual compete, genericamente, emitir pareceres e recomendações e propor medidas adequadas aos interesses da Saúde Pública e do SNS relativamente a tecnologia de saúde (medicamentos e dispositivos médicos).

// A par do seu trajeto profissional, apostou na vertente associativa, tendo presidido à SPN durante dois mandatos consecutivos (2003-2009). Quais foram as suas principais contribuições para o crescimento desta sociedade?

Sempre procurei ser ativo na SPN. Antes de assumir o cargo de presidente, entre 1997 e 2003, fui vice-coordenador do Gabinete de Registo de Doença Renal Crónica. Quando a direção a que presidi tomou posse, em 2003, constatei que todas as atividades inerentes à SPN estavam exteriorizadas. Por exemplo, não tínhamos nenhuma revista científica regulamentada (ver caixa) e o congresso era organizado sem intervenção da SPN. Na altura, o único papel da direção era convidar um Serviço de Nefrologia – e o seu diretor, que ficava como presidente – para organizar o evento. No final, era passado um cheque com o que supostamente tinha rendido o congresso. E acabava aí, não havia qualquer controlo das contas. Foi então que, no nosso mandato, decidimos interiorizar e regulamentar o Encontro Renal e constituir uma comissão científica.

A designação Encontro Renal, de resto, surgiu nesta altura, por incluir, além da reunião anual de Nefrologia, o Congresso da Associação Portuguesa de Enfermeiros de Diálise e Transplantação e, em anos alternados, o Congresso Luso-Brasileiro de Nefrologia. Este último foi criado durante o nosso primeiro mandato, uma vez que só se tinha realizado uma única vez há muitos anos. A SPN, tal como é conhecida hoje, foi construída durante o nosso mandato.

// Que outros marcos do seu mandato gostaria de destacar?

A compra da sede para a SPN, que, até então, funcionava nas instalações do hospital onde trabalhava o presidente em funções, e a contratação de secretariado. Basicamente, regulamentámos a SPN e, do meu ponto de vista, foram seis anos muito frutíferos.

// Agora que se encontra aposentado do serviço público, que planos tem para o futuro? Como ocupa o seu tempo livre?

Pretendo continuar a colaboração na CATS, que, neste momento, ocupa a maior parte do meu tempo. Além disso, sou um amante de arte, em particular de pintura e escultura. Uma das atividades obrigatórias, sempre que viajo, é visitar museus. Por outro lado, gosto de adquirir obras, que exponho em casa de forma a estar rodeado pelo belo. //